
A EDUCAÇÃO E SUA PRÁXIS EDUCACIONAL***EDUCATION AND ITS EDUCATIONAL PRACTICE***

Kátia Alves Silva, Laércio de Jesus Café

RESUMO

Este artigo apresenta uma prévia entorno do processo histórico contido na infância. Antes infância era vista como uma transição, nada de grande importância e a criança não passava de um simples “adulto em miniatura”. Aos poucos essa realidade foi se transformando, a criança passa a ser vista como um ser diferente dos demais, tendo assim, uma necessidade de ser tratada diferentemente dos adultos. O surgimento da escola favoreceu para que a criança assumisse sua identidade cultural, embora ainda fosse muito precária já era um começo de mudança. A educação deve ser levada para além da sala de aula, estando nos lares e todo contexto social, pois é por ela que a transformação acontece. O/a professor/a deve ser o/a mediador/a do processo de ensino aprendizagem, tendo como objetivo conseguir com que o/a aluno/a busque seu aprendizado. O gesto do/a educador/a é de suma importância para o sucesso da práxis educacional, sendo essa a junção de todo aprendizado exercido na prática cotidiana. O/a educador/a deve ter ciência do quanto sua prática é importante, sendo a base para toda transformação das “gentes”, sendo mediante a educação que todo ser se aprimora e se torna capaz de acreditar que tudo é possível.

Palavras chaves: Infância; Educação; Práxis; Transformação.

ABSTRACT

This article presents a previous environment of the historical process contained in childhood. Before childhood was seen as a transition, nothing of great importance and the child was just a "miniature adult." Little by little this reality has been transformed, the child comes to be seen as a being different from the others, thus having a need to be treated differently from adults. The emergence of the school favored the child to assume its cultural identity, although it was still very precarious was already a beginning of change. Education must be carried beyond the classroom, being in the homes and all social context, because it is through it that the transformation happens. The teacher should be the mediator of the teaching-learning process, aiming at getting the student to seek his / her learning. The gesture of the educator is of paramount importance for the success of the educational praxis, which is the junction of all learning exercised in daily practice. The educator must be aware of how important his practice is, the basis for all transformation of the "people," being through education that every being improves and becomes capable of believing that everything is possible.

Keywords: Childhood; Education; Praxis; Transformation.

INTRODUÇÃO

Primeiramente conceituaremos o termo *educação*, “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade.” (BRANDÃO, 1981, p. 10).

Do ponto de vista do autor, convenhamo-nos que de fato a educação vai além de um conceito, expandindo-se então a ser uma forma de se viver, algo que, ou fora imposto a ser seguido ou que então fora aperfeiçoado ao decorrer do tempo, se tornando uma cultura do ser que a pratica. Mas o que vemos em estudos históricos, é que nem sempre a educação foi vista assim, em tempos antigos, considerava-se um ser educado aquele que possuísse condições argumentativas favoráveis ao diálogo, ou então alguém que fosse criado por uma família tradicional e continuasse a seguir os costumes aprendidos por eles.

Façamos a seguir uma breve retrospectiva em volta da infância para que possamos entender o que de fato existe contido no universo histórico da criança, e em seguida, abordaremos meios de como exercer a práxis educacional, tendo como objetivo a transformação de mundo.

UMA RETROSPECTIVA EM TORNO DA INFÂNCIA

O Prefácio do livro “*História Social da Criança e da Família*”, Ariès aborda inicialmente a dificuldade contida na pesquisa científica, o quanto o processo é sistemático, porém prazeroso quando desvendado. O autor resume suas teses de forma a aproximar o processo histórico contido nas teorias para a realidade do que se foi vivido pelas crianças em sua historicidade. (ARIÈS, 1981)

Segundo Ariès, antigamente a criança não era bem-vista na sociedade, isso piorando na sua passagem para adolescência e juventude. A criança aprendia as coisas vendo os adultos fazendo, sem nenhum cuidado especial, todos os valores dos conhecimentos como os gerais eram passados por meio da convivência da criança com os adultos ao seu redor. Não havia sensibilidade, era tudo muito mecânico e insignificante. O autor sugere o nome de “*paparicação*” para um sentimento superficial que acontecia com a criança apenas em seus primeiros anos

de vida, ela era vista segundo o autor como um animalzinho engraçadinho, se ela morresse não se fazia muito caso, pois acabava sendo substituída por outra criança e assim sucessivamente. Quando a criança sobrevivia, era comum que passasse a viver em outras casas, sendo criada por outra família, essa família era composta por um casal e crianças que ficavam em casa. Ariès cita que as famílias compostas por várias gerações, eram apenas invenções dos moralistas. (ARIÈS, 1981)

A família antiga tinha como missão a conservação dos bens, ajudas cotidianas e a proteção das vidas, nada de afeto. Enquanto criança o ser não era reconhecido e nem havia afeto para com ele, as trocas afetivas eram realizadas fora da família, um tipo de socialização. O amor propriamente dito surgia na fase onde o ser já não era mais criança, mas um (a) jovem a noivar e se casar.

A primeira tese relatada pelo autor é uma tentativa de interpretação das sociedades tradicionais, já a segunda pretende mostrar o novo lugar assumido pela criança e a família da sociedade industrial.

A partir do século XVII houve uma mudança, o surgimento da escola. Agora existia um local destinado as crianças, ocasionando com isso a primeira separação da criança do mundo adulto. Desse momento em diante a família passou a se organizar em torno da criança e a lhe dar mais importância. Na travessia do século XIX E XX a família começa a se interessar não apenas pela preservação dos bens, surgindo um interesse novo pela criança.

Ariès em seus escritos “*A Descoberta da Infância*” (1981), embasa o início da infância por meio de pinturas medievais. O autor começa relatando sobre meados do século XII, onde se podem encontrar cenários que representam a ausência da infância, permanecendo até o século XIII, em relatos bíblicos, características das crianças apenas por tamanhos em aspectos físicos. O primeiro momento nos relata que a infância não passava de um período de transição, posteriormente restando lembranças que logo seriam esquecidas. A partir do século XIII as crianças já começavam a ser representadas por pinturas de anjos com os rostos mais próximos aos aspectos dos jovens, sendo frequente até o século XIV. (ARIÈS, 1981)

O segundo tipo de criança a ser representada pelas pinturas, era a do menino Jesus e sua mãe, Nossa senhora menina. A infância manifestava-se à maternidade.

No início as pinturas demonstravam Jesus como um menino adulto, posteriormente já se podia notar Jesus entrelaçado ao colo de sua mãe, a virgem. A maternidade da virgem inspirou cenários que foram representados pela família.

O terceiro tipo de criança apareceu na fase gótica, a pintura de crianças nuas. A nudez representava a alma humana.

A partir do século XV as pinturas se diversificaram e já se encontravam com características graciosas, ternas, e ingênuas, contidas na primeira infância. As pinturas da virgem com o menino se estenderam para além da religiosidade, tornando-se mais próximas da cotidianidade. A infância religiosa ia aos poucos se limitando apenas a infância de Jesus, surgindo a infância da virgem e a de outros santos. As iconografias se multiplicavam, reunindo crianças santas com suas mães.

Segundo Ariès nos séculos XV e XVI a partir das iconografias religiosas, destacaram-se as leigas, ainda não eram representações de crianças sozinhas. As cenas de gênero e pinturas anedóticas começaram a substituir as representações estáticas de personagens simbólicos. As crianças tornaram-se presentes nessas pinturas. (ARIÈS, 1981)

As cenas de gênero não eram uma descrição exclusiva da infância, porém as crianças eram suas personagens principais ou secundárias. Suas pinturas sugeriam ou uma infância onde a criança realmente estaria sempre ao lado dos adultos ou um apreço da parte dos pintores pela fase engraçadinha “*paparicação*” sentida por elas. Não se havia sentimentos pelas crianças, era como se elas fossem odiadas por todos, havia um descaso como se elas fossem verdadeiras maldições na vida dos adultos.

Os retratos de crianças mortas no século XVI marcam um importante momento na história da infância e dos sentimentos. Surgia então um momento de atenção, um tipo de cerimônia funerária para as crianças mortas. No século XVI até meados do século XVII se tornou comum ver quadros realçando em suas pinturas hipóteses de crianças mortas.

A novidade do século XVII era a representação dos retratos contendo crianças sozinhas. Alguns artistas pintavam filhos de príncipes, grandes senhores e burgueses ricos. A mortalidade infantil continua num índice elevado, mas se notou

uma sensibilidade, surgindo uma consciência de que a criança também possuía uma alma imortal, dando assim uma maior importância para a higiene da criança, inclusive algumas famílias passaram até a vacinar seus filhos.

A idade média foi marcada pelo *putto* “a *criancinha nua*”, seguindo assim ao decorrer dos séculos. Segundo o autor “O gosto pelo *putto* correspondia a algo mais profundo do que o gosto pela nudez clássica, a algo que deve ser relacionado com um amplo movimento de interesse em favor da infância.” (ARIÈS, 1981, p. 26).

Portanto, de acordo com Ariès o século XVII conteve grande importância para a evolução dos temas da primeira infância. Sendo nesse século que os retratos da família passaram a se organizar em torno da criança. A descoberta da infância foi de fato no século XIII, a partir do século XVI e durante o século XVII onde surgiram os notáveis, numerosos e significativos sinais de seu desenvolvimento.

Observa-se então que na antiguidade a criança não possuía direitos e nem era vista e respeitada em suas características infantis, pelo contrário, ela era insignificante tanto aos olhos da família, quanto aos da sociedade, considerada um “*adulto em miniatura*”, um ser a serviço de um adulto, sem condições de exercer nenhum tipo de autonomia, tendo suas condições melhoradas apenas se conseguisse chegar com vida à adolescência e posteriormente à fase adulta.

EDUCAÇÃO INFANTIL

O texto “*Educação Infantil*” (2003), escrito pela autora e professora Livia Maria Fraga Vieira, aborda o percurso histórico da Educação Infantil, e suas modificações até o momento atual. De acordo com a autora, a Educação Infantil era vista antigamente tanto como uma educação familiar, quanto educação institucional, ou seja, era uma educação que antecedia a Pré Escola, não sendo obrigatória. Deste modo, a creche não era concebida como uma instituição educacional, sendo apenas um local destinado a abrigar durante o dia crianças em horários aos quais os pais trabalhavam. Já a pré escola era a primeira etapa da educação infantil. (VIEIRA, 2003).

Pode-se ver que a educação Infantil não possuía devida atenção, sendo apenas uma escolha da necessidade da família, e a criança era vista como um adulto em miniatura.

Atualmente a criança passa a ser um ser social, que possui direitos garantidos por lei, e a Educação Infantil que antigamente era uma escolha, hoje se torna um dever do Estado e município, tendo em seu percurso a primeira etapa Creche de 0 a 3 anos (não obrigatória) e Pré-Escola 4 e 5 anos (obrigatória).

Por tanto, a Educação Infantil, de acordo com Vieira, faz parte de uma política social ampla, que abrange tanto o cuidado com a criança entre 0 e 5 anos, garantindo a promoção de seu bem-estar, como também estimulando o desenvolvimento da criança e colaborando para a construção de seu conhecimento. Passando a ser de caráter não obrigatório (*creche*), acontecendo em espaços institucionais públicos ou privados, e obrigatório (pré-escola), que acontece também em instituições públicas ou privadas.

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, apresenta-se como a fase principal na vida escolar da criança, pois será a partir dela, que a criança fará suas primeiras descobertas, inserindo-se num universo diferente, onde tudo é novidade para ela. Deste modo, nota-se a preocupação que o/a educador/a deve ter neste processo, pois será a partir de suas instruções que a criança seguirá seu caminho educacional.

O autor Antoni Zabala, em sua obra: “*A Prática Educativa Como Ensinar*”, nos fala:

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação. (ZABALA, 1998, p. 29).

Por isso essa educação deve ser capaz de promover no indivíduo, que no caso é a criança, a vontade de aprender, essa é a função do educador, proporcionar um aprendizado significativo. Para isso, devemos como educadores/as ser motivadores

assumir uma postura motivadora, capaz de incentivar os nossos/as alunos/as a busca pelo conhecimento

PARA EDUCAR É NECESSÁRIO O EXERCÍCIO DE UMA PRÁTICA HUMANA

A educação liberta e é capaz de transformar a vida das “*gentes*”, termo usado por Paulo Freire para tratar a nós, seres humanos, seres com vida e possibilidades diferentes. Freire demonstra sua inquietude para com a injustiça que existe no “*mundo*”, onde fatores contribuem para que os sujeitos continuem escravos da opressão e passivos ao enfrentamento dos obstáculos. Ele atribui a nós educadores/as um papel importante, nos coloca como sujeitos neste processo, onde não apenas podemos nos adaptar, como podemos gerar a “*mudança*”, ou seja, a “*transformação*”. Somos capazes de intervir na realidade, não podemos ser neutros diante dela. Em minha natureza humana, preciso “*estar sendo*”, em função de melhor que posso para a promoção da transformação dos que me rodeiam, das “*gentes*” e para isso, devo procurar na rebeldia meu ponto de partida, ela fará com que tome medida radical e crítica, me tornando um ser revolucionário/a. Como educador/a devo frisar que é possível mudar, e devo trabalhar em prol dessa mudança.

Para Freire não existe uma única Pedagogia, mas várias. Em suas obras ele destaca a importância de cada uma delas, cada qual interage em um contexto social, com sua intenção, ideologia e metodologias diversas. Um/a pedagogo/a, não deve ser um/a simples professor/a, mas sim um/a educador/a. O envolvimento com o aluno/a deve ser em torno do diálogo, contribuindo para que eles aprimorem os conhecimentos advindos em seus saberes históricos, conseguindo aproveitar a experiência e discutir os conteúdos juntamente com a realidade de seu dia a dia, ou seja, a realidade do mundo a sua volta, e para que isso aconteça é preciso que o/a educador/a faça uso do “*pensar certo*”. O educador/a necessita exercer uma prática humana, onde não se deva excluir totalmente o velho conhecimento ao predispor de um novo, mas sim iniciar uma busca, onde o ensino respeite todos saberes advindos historicamente dos educandos, e a partir destes, pesquise novos conhecimentos. Pensar certo é uma exigência, onde os momentos do ciclo gnosiológico transpõe a

curiosidade que irá se tornando metodicamente curiosa, onde a ingenuidade transita para o que Freire chama de “*curiosidade epistemológica*”, o educador/a precisa ter uma consciência sobre a transferência do pensar ingênuo do educando para um crítico, e saber que isso não se faz automaticamente. A transferência da curiosidade ingênua para a epistemológica se dá quando o sujeito ao invés de acreditar somente em uma verdade advinda de seu senso comum, se torna crítica, ou seja, quando surge a necessidade de se confirmar este saber. A curiosidade é parte integrante do ser humano, o/a educador/a deve saber desenvolver em seus alunos a curiosidade crítica, onde embasado no conhecimento advindo do senso comum se instaure a necessidade de aprimorar este saber, agindo sempre de forma sistemática.

Pensar certo está sempre acompanhado do fazer certo, enquanto educador/a devo saber que o que faço afetará mesmo que inconscientemente a vida de meu educando, o pensar certo não é uma transferência, mas sim uma participação em conjunto, uma “*coparticipação*”. Não se transfere inteligência, pelo contrário, o processo de inteligir acontece pela comunicação, pelo diálogo, pela aceitação de um novo conceito, baseado sempre no “*bom senso*”, pensar certo é promover uma compreensão da comunicação, evitando um discurso polêmico, mas uma dialogicidade. O/a professor/a não é um transmissor/a de conhecimentos, mas um mediador do processo de ensino aprendizagem, onde o/a aluno/a é o centro. Paulo Freire reflete sobre o “*ensinar*”, onde não se trata de “*transferir conhecimentos*”, mas transformar os educandos em “*reais sujeitos que construam e reconstruam o saber ensinado*” juntamente com seu educador/a, sendo partes conjuntas do processo de ensino aprendizagem. Freire destaca a importância do papel do/a professor/a para não apenas ensinar conteúdos, mas também, a “*pensar certo*”. Neste processo, se é necessário uma educação que transforme o ser humano, contribuindo para sua formação integral, que ele passe a se dar conta da importância de sua atuação no mundo. Paulo freire diz ser fundamental o conhecimento das consequências que o não pensar certo acarreta em nossas vidas.

Quando me assumo como ser histórico, me reconheço como um ser que além de pensar, falar, fazer, possuo sentimentos e posso ser capaz de sonhar, ter raiva e amar. Assumo-me como sujeito e me reconheço como objeto. Quando me assumo,

não excluo os outros, mas assumo radicalmente o meu “eu”. A identidade cultural, onde a individualidade deve ser absolutamente respeitada na prática educativa, tem ligação com a assunção que faço entre o “eu e os outros”, não devo julgar ser sujeito individual no processo do educar, pois este processo é construído em conjunto. Como educador/a não posso me manter como sujeito fornecedor de um saber absoluto e nem dono/a da verdade, pelo contrário, devo assumir incapaz de uma prática menosprezada, e sim me esforçar para uma prática diante de uma formação democrática. Paulo Freire reflete o quanto é importante que o/a professor/a se atente diante de sua prática, que ele/a entenda o quanto seus gestos possuem significância para com seus/as alunos/as, se tornando o principal motivo para sua transformação. É sendo seguro de si que o professor/a será competente para executar uma boa prática. Sem a segurança ele/a não conseguirá exercer a autoridade docente. O professor/a não deve ser autoritário/a todo tempo, o que contribuirá para que ele/a consiga manter-se em ordem é o uso de sua generosidade, não se tornando um ser arrogante. A educação é uma forma de intervenção no mundo, além de intervir com conteúdos, ela implica em reflexão e desmascaramentos de ideologias, ou seja, dialética e contraditória. Não devemos enquanto educadores/as, cruzar os braços diante dos desafios que enfrentaremos, mas sim, criar possibilidades para que seja possível a transformação. Devemos ser esperançosos e envidar de nossa própria prática. Como educador/a devo me sentir capaz de ensinar corretamente os conteúdos de minha disciplina, porém não devo usar de autoritarismo para ensinar, nem de arrogância, pelo contrário, devo ser um/a educador/a humilde, pois tão importante quanto o ensino dos conteúdos, é minha coerência em sala de aula, onde exerço o que digo o que escrevo e o que faço.

SER PROFESSOR EM UM TEMPO MODERNO

Quando Paulo Freire se refere à ideologia, ele nos faz pensar em uma capacidade de assimilar a realidade, ou seja, a ideologia nos convence de que a realidade é assim mesmo, e não podemos mudá-la. A ideologia mascara o que muitas vezes se encontra visível aos nossos olhos, mas de certa forma, escondida em uma enorme alienação. Podemos usá-la ao nosso favor, mas só conseguiremos

se fizermos uso do “*pensar certo*”, com cautela vamos refletindo diante da ideologia, seja ela qual for, e com criticidade conseguiremos enxergar se de fato ela é a favor ou contra o que defendemos como “*certo*”, digamos que o termo “*certo*” ou “*errado*” interfere diretamente no perfil individual do ser, como o que pode ser certo para um, já não é para o outro, mas pensando em coletividade, faremos uso da eticidade, assim podemos atribuir valores morais e condizentes com o perfil educador, conseguindo de certa forma, usá-la como um instrumento favorável, mas sem esquecer que o objetivo não é alienar, mas contribuir para uma libertação interior, onde o sujeito se torne capaz, confiante de si e consiga entender que suas ações resultarão em mudanças no mundo.

O sujeito, que no caso é o aluno/a, compreenderá a importância do seu falar, pensar, fazer, refletindo a partir da ideologia, mas de uma forma livre e significativa. Como educador/a, devo estar ciente do poder do discurso ideológico, pois só ideologicamente conseguirei “*destruir*” ideologias.

Freire em sua obra “*Pedagogia da Autonomia*” ressalta: “Pois é como algo natural ou quase natural que a ideologia neoliberal se esforça por nos fazer entender a globalização, e não como uma produção histórica.” (FREIRE, 2018, p. 124), e complementa: “O discurso da globalização que fala em ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente.” (FREIRE, 2018, p. 124.), ou seja, a globalização fica a ver como algo magnífico, como uma invenção da modernidade, não apresentando a nós a historicidade de sua produção, e é fazendo uso do pensar certo que conseguiremos lidar com as mudanças que a globalização traz para o contexto educacional, com auxílio de pesquisas e com muita eticidade, iremos aos poucos desvendando este paradigma, entendendo esse marco histórico, mas de uma forma que não perca o verdadeiro significado dos valores morais e éticos que devem conter em nosso perfil de educador/a.

Começemos compreendendo o neoliberalismo, que é um conjunto de ideias políticas, econômicas, capitalistas, sendo assim, uma ideologia, ou seja, uma forma moderna do liberalismo, que defende uma total liberdade do comércio, onde o estado intervém de uma forma limitada, garantindo o crescimento econômico e o

desenvolvimento da nação. Quando Freire cita a ideologia neoliberal para nos fazer entender a globalização, ele nos quer informar que não é simples como parece, que tudo possui uma história, ele atribui esta grande responsabilidade ao educador/a, e é isso que o educador/a deve proporcionar aos seus alunos/as.

Ser professor/a em um tempo moderno é assumir que os recursos que a modernidade traz são importantes, mas que acima de tudo, ainda mais importante que eles, é conhecer suas origens, compreender que por trás de todo marco revolucionário existe uma história acarretada de memórias, vivências, lembranças, e que é nesta perspectiva que conseguiremos com que nossos alunos entendam e consigam sentir os verdadeiros conceitos contidos neste novo paradigma, que é a globalização. Ele nos faz pensar diante dos avanços tecnológicos, um avanço que traz como consequência o desemprego de homens e mulheres. Não dizendo que a tecnologia não seja importante, mas que deveria ser a favor das “vítimas” do progresso anterior, Freire diz:

A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. A um avanço tecnológico que ameaça milhares de mulheres e homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior. (FREIRE, 2018, p.127).

Refletindo sobre as questões que os avanços tecnológicos acarretam no mundo, a princípio no Brasil, vemos que o problema não está na “tecnologia”, mas está na ética e na política. Um discurso ideológico de que a tecnologia está invadindo os cenários do mercado é pura alienação, pois por traz de toda tecnologia existe um ser humano, alguém que planeja tudo, e é isso que não podemos esquecer. Como educadores devemos colaborar para que nossos alunos/as sejam sujeitos críticos enquanto a esse discurso alienador, que eles compreendam que os recursos tecnológicos são de grande valia, e que podem ser aplicados a favor dos seres humanos, e não somente a favor do mercado e do lucro.

O/A educador/a deve se entregar para o processo educativo, deve ser prontamente ligado a seus alunos, deve ser disponível por completo, deve manter

seu pensar crítico, suas emoções, curiosidade e desejos de um mundo melhor, deve lidar sem medo e assim conseguirá conhecer e construir o seu perfil embasado em suas vivências.

“DOCENTE” “DISCENTE” “HUMANO” “HUMANO”

Não existe maneira onde como educador/a, eu consiga escapar da avaliação de meus alunos/as para com meu trabalho. Freire nos diz que devemos procurar aproximar cada vez mais o que dizemos com o que fazemos, ou seja, entre o que parecemos ser e ao que de fato verdadeiramente estamos sendo. A visão do/a aluno/a diante de nossa atuação gera uma significação de como ele/a enxerga nossa prática.

Devemos como educadores/as, voltar o olhar às atitudes tomadas pelos alunos/as, porém, um olhar que é gerado pela generosidade, assim abrindo oportunidade para uma prática democrática. Tornando-se assim presença em sala de aula, e não um simples sujeito de opções. Como Freire nos diz: “devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho.” (FREIRE, 2018, p. 96), e complementa: “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com ele*.” (FREIRE, 2018, p. 111.).

O diálogo é a essência do processo ensino aprendizagem, quando Freire diz que é necessário o falar com o/a aluno/a, ele nos faz perceber a importância da postura do/a professor/a para com seu/ua aluno/a, onde de fato não é uma relação de “*docente*” “*discente*”, mas de “*humano*” “*humano*”, claro que não se refere a uma postura onde o/a professor/a deixe sua autoridade em sala de aula, pelo contrário, quer dizer que por trás do/a professor/a e do/a aluno/a, existe uma pessoa, existe “*gente*”, e com a consciência diante deste pensar, ficará mais fácil encarar a realidade, por mais difícil de entender que ela seja, cada gente traz consigo uma história, e mesmo que não seja fácil assumir essa possibilidade de escuta através da historicidade humana, sejamos capazes de ser humildes para assumir nossa

incapacidade de sentir as emoções, as vivências, e termos uma postura ética de entender que todos somos diferentes, e todos mesmo que em forma de silêncio, possuímos o direito de ser como somos.

Quando silenciemos, escutamos o que o outro diz, surgindo então, a comunicação dialógica. Pra podermos dizer, precisamos ouvir o que o outro tem a falar, por isso a função do silêncio é importante nas relações.

Toda inteligência da realidade é comunicada, devemos sim trabalhar a oralidade, de uma forma que nosso papel como professor/a seja esforçar com maior clareza para um ensino objetivo, onde não ocorra transferência de conhecimento e nem memorização dos mesmos, pelo contrário, nossa prática deve propor esforço metodicamente crítico, que possa desvendar a compreensão de algo, e o/a aluno/a empenhar-se de maneira crítica seu estudo, contribuindo rigorosamente no processo. Quando aprendemos a escutar, passamos a nos colocar melhor em nossos pontos de vista, falamos com desenvoltura e não com arrogância. Se discordarmos, afirmamos o que pensamos, mas porque escutamos e não porque somos autoritários/as. Ninguém é superior a ninguém, a dignidade de nosso silêncio simplesmente transmitirá nosso protesto.

Devemos respeitar a leitura de mundo de nosso/a aluno/a, reconhecendo e respeitando a historicidade de seu saber, esta postura nos revela o trabalho individual de cada sujeito em seu processo de assimilação da inteligência do mundo. Precisamos aprender a ensinar, de maneira a contribuir para o exercitar da curiosidade epistemológica, que é indispensável para a produção do conhecimento.

EDUCAÇÃO PARA LIBERTAR E TRANSFORMAR

O diálogo é um processo de ação e reflexão, é uma exigência existencial, um ato de criação, não um simples instrumento de conquista. Composto por palavras verdadeiras, o diálogo consegue transformar o mundo, pronunciar o mundo através do que é dito. O amor é a fonte para que tudo aconteça pelo amor se é formado o diálogo, um amor que é gerador de atos de liberdade, ele liberta, não aprisiona, o amor é um compromisso.

Ao exercitar o aprendizado pelo diálogo, o/a educador/a deve saber que esse diálogo começa pelo conteúdo programático. Não se deve ser um educador/a bancário, mas um educador/a educando, que não faça uso de um ensino que exija a memorização, acumulação, adaptação, mas uma educação dialógica, problematizadora, crítica, organizada, humanista e transformadora. O mundo humano é histórico, diferente do mundo animal, o homem possui uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade, o homem é estar, como consciência de si e do mundo.

Quando surge o enfrentamento com a realidade, para que se consiga a superação de obstáculos, se objetiva as situações limites, onde somente com esperança o homem a supera. Digamos que essa situação acontece quando o indivíduo já se encontra em seu limite, onde já existem possibilidades de mudança e ele já não deseja permanecer na mesma condição de oprimido, diante de algum acontecimento que o faça perceber que não é esse o estado que queira estar, mas está sendo, por isso para que aconteça uma revolução, ele deverá sair daquela posição e ir em busca de sua liberdade.

A situação limite de opressão é quando o sujeito de encontra mais “imerso” que “emerso”, ou seja, ele se encontra numa situação difícil, onde pareça ser impossível a mudança. O processo de alfabetização acontece da mesma forma, como humanos, somos seres transformadores, históricos sociais, ou seja, somos capazes da continuidade da história. Os temas históricos se encontram na relação homem mundo, o conjunto dos temas em interação constitui o “universo temático” da época.

Os temas geradores surgem pela coletividade dos fatores contribuintes para o processo de alfabetização, são temas diversificados entre si, e para se alcançar a meta da humanização, se deve superar a situação limite, onde o sujeito se acha quase “coisificado”. Quando o sujeito não consegue encontrar um tema gerador, ou o capta meio distorcidamente, significa que existe uma situação limite de opressão, onde o indivíduo se sente incapaz de prosseguir. A investigação do tema gerador está contida no “universo temático”, é realizada com o uso de uma metodologia conscientizadora, inserindo os sujeitos numa forma crítica de pensarem o mundo. O

tema gerador só se compreende nas relações homem mundo, ao investigar um tema gerador, se investiga sua realidade, sua “*práxis*”.

A investigação temática acontece em um esforço comum de consciência da realidade e de autoconsciência, inscrita como ponto de partida do processo educativo ou da ação cultural de caráter libertador. A investigação não é um ato mecânico, ela visa a realidade na simpatia e simplicidade. A busca pelo tema gerador exige uma investigação do pensar do povo, que se refere sempre à realidade.

Para encontrar qual será o tema gerador, se é necessário uma prática problematizadora. De início acontece um diálogo entre todos que estão presentes, ocasionando a partir disso a “*descodificação*”, ou seja, o processo onde são coletados dados da realidade dos sujeitos. Em seguida, acontece uma reunião entre os educadores/as, para uma avaliação dos dados coletados, em equipes os educadores/as escolhem contradições com que serão elaboradas as codificações, que servirão de investigação temática. Portanto para alcançar a “*práxis*”, o educador deverá fazer uso da temática problematizadora, que ao contrário da “*bancária*”, é uma temática libertadora, humana e transformadora.

Enquanto educadores/as devemos proporcionar aos nossos alunos/as uma prática humana, onde o querer bem esteja sempre presente. Uma educação para libertar e transformar deve fazer com que o sujeito perceba que ele não “*é*”, mas “*está sendo*”, e que basta ter fé e esperança para que consiga romper com as barreiras que o seguram em seu estado de oprimido. O/a educador/a humano será sempre um motivador, fará cotidianamente o uso da humildade, e terá um diálogo produzido pelo amor e fé em seus alunos/as, e nunca deixará se acabar a sua vontade de transformação.

REFERÊNCIAS:

- ARIÈS, Philippe. **A Descoberta da Infância**. In. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 56ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VIEIRA, Livia Maria Fraga. **Educação Infantil. Presença Pedagógica.v.9 n.50. mar/abr.2003**

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar.**Porto Alegre: Artmed,1998.

AUTORES:

Kátia Alves Silva: Graduanda do 5º período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. Kátia.06lima@outlook.com

Laércio de Jesus Café: Graduado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado de Mato Grosso-UFMT, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, atualmente professor do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG. laerciocafe@gmail.com.